

The background of the entire page is a vibrant sunburst or starburst pattern. A bright, glowing sun is positioned at the top center, with numerous rays of light radiating outwards in all directions. The rays create a sense of depth and brightness, transitioning from a pale yellow near the sun to a soft green and then a clear blue as they extend towards the edges of the frame. The overall effect is one of hope, positivity, and divine light.

O **G**overno da **Gr**aça

Mamadou **Karambiri**

Mamadou KARAMBIRI

O Governo da graça

© Mamadou KARAMBIRI, 2023

ISBN numérique : 979-10-405-3353-5

Librinova”

www.librinova.com

Le Code de la propriété intellectuelle interdit les copies ou reproductions destinées à une utilisation collective. Toute représentation ou reproduction intégrale ou partielle faite par quelque procédé que ce soit, sans le consentement de l’auteur ou de ses ayants cause, est illicite et constitue une contrefaçon sanctionnée par les articles L335-2 et suivants du Code de la propriété intellectuelle.

INTRODUÇÃO

Eu tenho tratado de aspectos da graça em vários livros anteriores, dedicar um livro inteiro a este tema é uma novidade. A necessidade deste livro era óbvia, pois a graça de Deus é mal compreendida por muitos na Igreja de Cristo. É vista por alguns como um privilégio reservado a poucos que se diz serem sortudos ou nascidos sob uma estrela da sorte. Outros o tornaram tão vulgar pelo uso indevido ou vago que tornou uma mera fórmula religiosa usada para expressar um desejo ou intenção: “Pela graça de Deus, eu farei isto ou aquilo...”. Às vezes você até ouve pessoas ameaçando prejudicar seus vizinhos “pela graça de Deus”.

A graça de Deus é um dos fundamentos da vida cristã na qual, infelizmente, muitos cristãos não estão enraizados e estabelecidos. A falta de compreensão deste fundamento levou, especialmente a partir do século 20, à proliferação de doutrinas e ministérios que não tinham razão de existir. De fato, é preciso reconhecer que como “pentecostais”, ou seja, cristãos que crêem nos dons e ministério do Espírito Santo, temos muitas vezes enfatizado o falar em línguas, a unção e os milagres. Esta ênfase excessiva nos trouxe críticas de evangélicos de linha dura que aproveitam cada oportunidade para apontar o desequilíbrio que nos caracteriza, um desequilíbrio que resulta do fato de que alguns 'pentecostais' mudaram a ordem dos verbos essenciais da vida cristã.

O mais importante dos três é o verbo *ser*, pois é o verbo pelo qual Deus se descreve a si mesmo. A Escritura relata esta conversa entre Deus e Moisés diante da sarça ardente: *“Moisés perguntou: ‘Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês, e eles me perguntarem: ‘Qual é o nome dele?’ Que lhes direi?’ Disse Deus a Moisés: “**Eu Sou o que Sou**. É isto que você dirá aos israelitas: **Eu Sou** me enviou a vocês.”* (Êxodo 3:13-14). Por isso o apóstolo Paulo enfatiza: *“Sem fé é impossível agradar a Deus, pois **quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam**”* (Hebreus 11:6). O verbo traduzido “*existe*” é a palavra grega *esti* que é a terceira pessoa singular do verbo “*ser*”. Este verso deve, portanto, ser traduzido como segue: *“Porque quem vem a Deus deve acreditar que **Deus é**, e que ele é um recompensador dos que o buscam*”.

O verbo “*ser*” se refere à natureza, à identidade de Deus. É por isso que ela

tem precedência sobre as outras duas. Todos aqueles que fazem parte da família de Deus devem, portanto, começar também com este verbo. Devemos, no início de nossa vida cristã, saber quem somos em Cristo.

Depois há o verbo “*ter*”. Em ordem de importância, vem depois do verbo *ser*. Ele se refere às bênçãos espirituais, físicas, materiais e financeiras que Deus nos dá em Cristo. E a Escritura revela que “*Todos recebemos da sua plenitude, graça sobre graça*” (João 1:16). O apóstolo Paulo continua dizendo: “*e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude*” (Colossenses 2:10).

Finalmente, temos o verbo *poder* que se refere à manifestação do poder e à unção do Espírito Santo. Muitos cristãos e ministérios ficaram atolados ao favorecerem o verbo *poder* sobre o verbo *ser*. Saiba que sem o verbo *ser*, os verbos *ter* e *poder* não estão operacionais. Isto é o que explica a competição, os escândalos entre os servos de Deus.

O caso de Moisés, apontado por Deus como o libertador de seu povo que era escravo no Egito, é uma ilustração da consequência desta inversão dos verbos básicos. A Bíblia afirma que “*Moisés foi educado em toda a sabedoria dos egípcios e veio a ser poderoso em palavras e obras*” (Atos 7:22). Confiante no treinamento e no equipamento que havia recebido nas escolas secundárias egípcias, Moisés se propôs a libertar Israel. Ele assim começou seu ministério como um libertador com *ter* e *poder*, mas sem *ser*. Naturalmente, foi um fiasco: ele matou um egípcio para vingar um israelita abusado (Êxodo 2:11-12), mas este ato “heróico” não lhe trouxe o reconhecimento de seu povo; pior ainda, ele teve que se exilar no deserto de Midiã para escapar da fúria do Faraó.

Quarenta anos depois, Deus encontrou Moisés e lhe confiou a missão de libertar Israel. Mas ele não acreditava mais em si mesmo. “*Quem sou eu...?*” perguntou ele em Êxodo 3:11. Com este questionamento de sua identidade, Moisés estava começando bem. O Ministério, a unção e o cargo não dão nenhuma garantia a quem não sabe quem é.

Para restaurar a confiança de Moisés, Deus lhe deu uma nova identidade, dizendo: “*Você falará com Arão e lhe dirá o que ele deve dizer. Eu os ajudarei a falar e direi o que vocês devem fazer. Arão falará ao povo em seu lugar. Ele será o seu representante e falará ao povo por você. E você será como Deus para ele, explicando o que ele deve dizer.*” (Êxodo 4:15-16 NTLH). A Bíblia acrescenta

no versículo 1 do capítulo 7: “*Então o Senhor Deus disse a Moisés: Vou fazer com que você **seja como Deus para o rei**; e Arão, o seu irmão, falará por você como profeta.*”

Deus identificou Moisés consigo mesmo, elevando-o à sua própria classe e dignidade. Esta foi uma forma de novo nascimento para Moisés. Isto faz lembrar a passagem bíblica que diz que todos os crentes em Cristo, nascidos de novo pelo Espírito Santo, tornaram-se “*participantes da natureza divina*” (2 Pedro 1:4).

Com esta nova identidade, o poder também havia mudado de mãos. Moisés adentrou o palácio do Faraó sem ser incomodado pelos guardas. Portanto, entenda que você é uma pessoa livre se você está ciente de quem você é. Moisés ganhou até mesmo a estima dos egípcios, que acabaram por admitir sua nova identidade. De fato, quando os magos do Faraó não puderam imitar Moisés, que havia transformado o pó em piolhos, disseram: “*Isso é o dedo de Deus*” (Êxodo 8:19). De que Deus eles estavam falando? Não foi Jeová que transformou o pó em piolhos, mas Moisés que foi feito Deus para o Faraó.

À luz do exposto acima, é imperativo que retornemos aos fundamentos da vida cristã para que nosso crescimento espiritual seja equilibrado. Isto é também o que a Palavra de Deus nos convida a fazer quando diz: “*Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação*” (1 Pedro 2:2). É impossível, porém, crescer, estabelecer-se na fé se não se compreende o que é a graça e como ela difere da lei.

Ao escrever este livro não quero dar-lhe uma exposição da “doutrina da graça”, mas dar-lhe iluminação que lhe garantirá descanso e realização em sua caminhada com Cristo. Tenho tido o cuidado de verificar a Palavra de Deus em todos os aspectos discutidos para garantir que eles tenham uma base bíblica, pois a graça não é nem uma teoria nem uma doutrina. É um regime que Deus trouxe à terra através de Jesus Cristo.

É um governo que Deus trouxe à Terra através de Jesus Cristo.

CAPÍTULO I

A LEI E A GRAÇA: DOIS governos INCOMPATÍVEIS

A lei e a graça correspondem a dois regimes, dois convênios entre Deus e os homens. Moisés é o mediador do regime da lei, enquanto Jesus é o mediador do regime da graça, como declara a Escritura no Evangelho segundo João: *“João dá testemunho dele. Ele exclama: “Este é aquele de quem eu falei: aquele que vem depois de mim é superior a mim, porque já existia antes de mim”. Todos recebemos da sua plenitude, graça sobre graça. Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo.”* (João 1:15-17).

Cada um desses dois pactos também tem uma base legal. O regime mediado por Moisés foi governado pelas ordenanças da lei, enquanto o regime de graça de Jesus é baseado na graça. Os dois regimes, e seus sistemas de governança, são incompatíveis, embora muitos cristãos vivam no regime de graça com os princípios da lei. É como tentar misturar água e óleo. A mistura pode parecer homogênea, desde que agite bem o recipiente; mas quando o deixarem descansar, o óleo virá inevitavelmente à superfície, pois são dois líquidos incompatíveis. A incompatibilidade de governo também pode ser vista no sistema de governança das nações do mundo. Por exemplo, quando um país comunista se torna liberal, as leis e decretos do antigo regime se tornam obsoletos, porque o mesmo país não pode ser governado por um regime híbrido comunista-liberal. Da mesma forma, é impossível funcionar no governo da graça com os princípios da lei.

O que os cristãos devem saber sobre estes dois regimes é que o Antigo Testamento não é sobre todos, mas apenas sobre os judeus, os descendentes naturais de Abraão. Os outros povos, chamados de nações ou pagãos, não têm parte nesta primeira aliança. Quanto às nações, a Escritura diz: *“Portanto, lembrem-se de que anteriormente vocês eram gentios por nascimento e chamados incircuncisão pelos que se chamam circuncisão, feita no corpo por mãos humanas, e que, naquela época, vocês estavam sem Cristo, separados da*

comunidade de Israel, sendo estrangeiros quanto às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo.” (Efésios 2:11-12). Os burkinabés, como os cidadãos de outras *nações*¹ do mundo, estavam todos sem Cristo, sem Deus, sem aliança, sem esperança. Eles eram *pagãos*, adoradores de ídolos mudos (1 Coríntios 12:2). Por que você afirma fazer parte de uma aliança que o exclui em seus termos?

Há, no entanto, boas notícias para os *pagãos*. No Evangelho de João, Jesus diz: “*Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.*” (João 3:16). O termo **mundo** traduzido do grego *kosmos* significa a terra ou a raça humana. Como Deus não podia salvar judeus e gentios através de uma aliança discriminatória, a primeira aliança teve que ser substituída por outra que unisse judeus e gentios, o chamado **governo da graça**.

Sombra e realidade

O fim do regime da lei foi anunciado por um evento que ocorreu durante a transfiguração de Jesus na montanha. A Bíblia nos diz que um dia “[...] *Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. Ali ele foi transfigurado diante deles. Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz. Naquele mesmo momento, apareceram diante deles Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro disse a Jesus: “Senhor, é bom estarmos aqui. Se quiseres, farei três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias”. Enquanto ele ainda estava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho amado de quem me agrado. Ouçam-no!” Ouvindo isso, os discípulos prostraram-se com o rosto em terra e ficaram aterrorizados. Mas Jesus se aproximou, tocou neles e disse: “Levantem-se! Não tenham medo!” E erguendo eles os olhos, não viram mais ninguém a não ser Jesus.*” (Mateus 17:1-6).

Deus nos revela algo extraordinário nesta passagem: Elias e Moisés são duas figuras principais do Antigo Testamento, um era o homem da lei, sinais e maravilhas, que foi enterrado pelo próprio Deus quando morreu na terra de Moabe (Deuteronômio 34:6); outro era o profeta do fogo. Ele foi levado ao céu

em uma carruagem de fogo e não morreu (2 Reis 2:11). Quando a nuvem recuou do monte, os dois homens desapareceram e Jesus foi deixado sozinho. Isto significa que a lei e os profetas sobre os quais repousava a Antiga Aliança foram absorvidos pela graça.

Além disso, a ordem formal: *“Este é o meu Filho amado de quem me agrado. Ouçam-no”*, dada pela voz do céu, não deixa dúvidas de que Jesus, o mediador do Novo Aliança, era agora a referência: qualquer mensagem que começa no Antigo Testamento deve terminar no Novo Testamento.

O que também precisamos saber sobre estes dois regimes é que a lei, apresentada como uma sombra das coisas futuras (Colossenses 2:17), encontrou seu cumprimento, sua realidade no regime de graça. Portanto, qualquer pessoa que pertence a Cristo deve se aproximar do Antigo Testamento com uma perspectiva do Novo Testamento.

Uma aliança mais vantajosa

Quando estudamos os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos, torna-se claro que o reino dos céus - o reino de Deus na terra - não se enquadra na lei. Jesus prestou uma extraordinária homenagem a João Batista quando disse: *“Afim, o que foram ver? Um profeta? Sim, eu digo a vocês, e mais que profeta. Este é aquele a respeito de quem está escrito: ‘Enviarei o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti’. Digo a verdade a vocês: Do meio dos nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que João Batista...”* (Mateus 11:9-11). Isto significa que João Batista é maior que todos os profetas que muitos imitam hoje, Abraão, Moisés, Elias, Isaías, Débora. No entanto, João Batista não é um cidadão do reino dos céus, pois no final do versículo 11 Jesus diz: *“todavia, o menor no Reino dos céus é maior do que ele”*. João Batista estava perto do reino que Jesus estava estabelecendo na Terra, mas ele não fazia parte dele. Como o último profeta do regime da lei, ele acaba de introduzir Jesus em cena como *“É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”* (João 1:29). Portanto, o menor no reino dos céus é maior do que ele.

Há várias razões para a superioridade do povo do Novo Testamento, mas mencionarei apenas quatro aqui, as outras serão discutidas em outras partes do livro:

Tipos de relacionamento entre Deus e o homem

Todos aqueles que estavam sob a lei (o Antigo Testamento) são servos de Deus. Este tipo de relacionamento entre Deus e seu povo é visto nas seguintes passagens da Escritura:

Jó 1:8: *“Disse então o Senhor a Satanás: “Reparou em meu servo Jó? Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal”.*

Hebreus 3:5: *“Moisés foi fiel como servo em toda a casa de Deus, dando testemunho do que haveria de ser dito no futuro.”*

Além disso, Jesus contou uma parábola sobre vinicultores malvados que se recusaram a dar a seu dono uma parte da produção da vinha. Eles maltrataram os servos e mataram seu filho, que ele havia enviado para reclamar seu direito (Mateus 21:33-44). O evangelista Mateus escreve que *“Quando os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, compreenderam que ele falava a respeito deles”* (Mateus 21:45). Não havia, portanto, nenhuma dúvida na mente dos israelitas de que eles eram servos de Deus.

No Novo Testamento, por outro lado, não estamos em um relacionamento Mestre/Servidor, mas em um relacionamento Pai/Filho com Deus. Jesus, o mediador desta Nova aliança, veio ao mundo como o **único filho** de Deus. Ele introduz esta nova relação através da oração *“Pai nosso”* em Mateus 6: *“Vocês, orem assim: “Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome”* (Mateus 6:9).

Então, após sua ressurreição, ele comanda Maria Madalena: *“Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai”. Vá, porém, a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu Pai e **Pai de vocês**, para meu Deus e **Deus de vocês**”* (João 20:17). Esta filiação é uma particularidade do governo da graça, pois está ligada à pessoa de Jesus. O Evangelho segundo João diz que a Palavra (isto é, Jesus) *“Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus”*